

# PIM-PAM-PUM!

DIRECTOR  
AUGUSTO DE SANTA-RITA

ANO XIII  
N.º 651

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL  
**LO SECULO**  
ALCINDO

## OUTRO CONTO DA AVÓZINHA

Por **DIOGO ALVARO**

Quando eu era pequenino, como vós, gostava imenso que a minha avózinha me contasse histórias, e ela, uma simpática velhinha, sentava-me, meigamente, no seu colo, e assim começava suas histórias. Dentre tantas, lembrou-me, agora, uma, que vos vou tentar reproduzir:

— A casa onde eu morava, quando era pequena, tinha um lindo jardim. Os renques de buxo, altíssimos, formavam aos lados dos passeios, grandes muros verdes, atrás dos quais eu e os meus amigos e amigas, nos ocultávamos para jogar as escondidas.

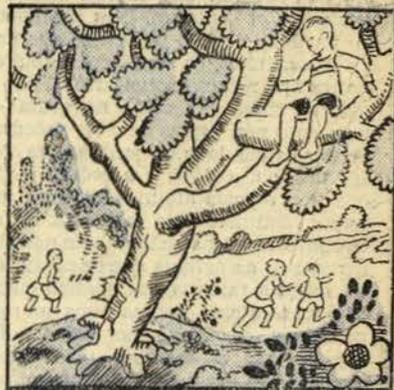
As vezes, o Luiz que tinha, naquele tempo, dez anos, não se limitava a esconder-se no meio do buxo; trepava pelos troncos, empoleirava-se lá muito alto, e só quem tivesse olhos de lince, que, segundo dizem, é bicho capaz de ver mosquitos na «Outra Banda», podia enxergá-lo, muito agarrado a um ramo, que lhe escondia todo o corpo. Ali, encolhido durante dez minutos, ou um quarto de hora, desnorreava-nos, e só quando nos dávamos por vencidos, é que ele descia, todo ancho, rindo-se a nossa custa.

Ora, isto deu resultado a princípio; mas, depois, logo que ele dizia — «E já!...» — eu e a Alice corríamos a todas as árvores e pouco tardava que o descobrissemos lá em cima, empoleirado. O Luiz, então, dava um grande cavaco, e descia, corrido

com a troça espantosa que lhe fazíamos. Um dia, fez uma aposta connosco, aposta que aceitámos de pronto. Propôs esconder-se no jardim, de tal sorte que, por mais que o procurássemos, não conseguiríamos encontrá-lo. Se perdessemos, pagar-lhe-íamos dez tostões; se ganhássemos, receberíamos duas maçãs, que a avó lhe tinha dado.

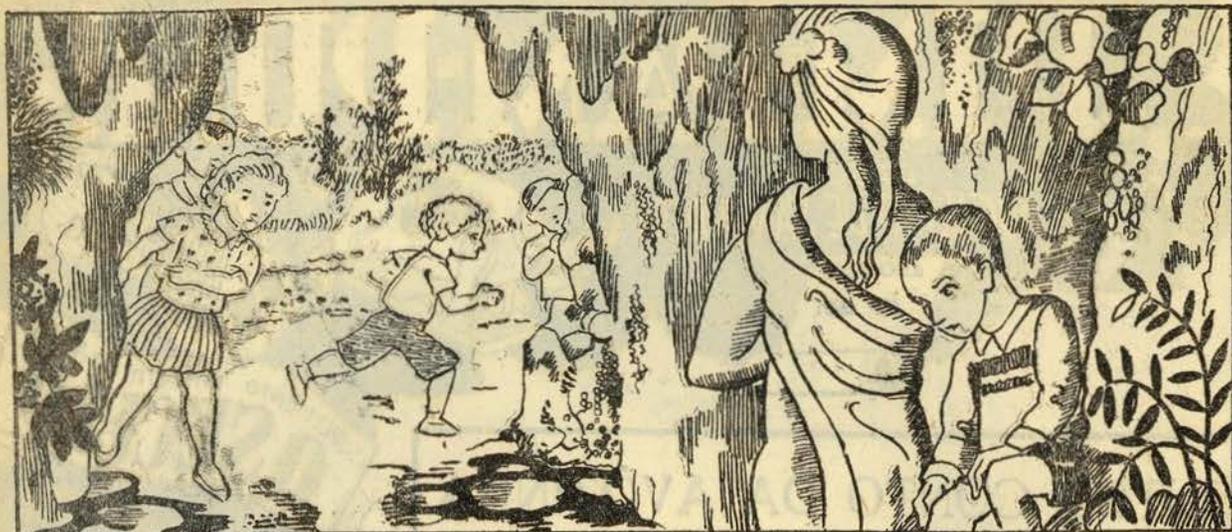
A avó do Luiz era uma senhora muito velha, muito rabugenta, e muito corcunda. Tratava-nos sempre com mau modo, chamando-nos diabretes. Ao neto, então, puxava as cernelhas. O Luiz calava-se, enxugava as lágrimas mas quando D. Efigénia (a avó) lhe voltava as costas, ele corcovava-se todo, agarrava num páuzinho, e imitava admiravelmente a rabugenta da velha.

Feita a aposta, tratámos logo de realizá-la. Eu, o Luiz e a Alice, estávamos pálidos, trémulos, naquele momento solene. Advinhávamos o que ia acontecer, ou sentíamos-nos comovidos pela importância da partida? Não te sei dizer; isto



já foi há tanto tempo!... Lembro-me, contudo, perfeitamente, de que o Luiz desatou, de súbito, a correr e que tomou para as bandas da gruta de Flora. Daí a pouco, chegava-nos ao ou-





vido um — «E já!»... — longínquo, abafado. Partimos imediatamente, em correria doida. O Luiz não estava em cima das árvores, não estava, também, por entre os canteiros, nem tão pouco no pavilhão onde o jardineiro guardava os ancinhos, os segadores e muitos outros apetrechos da sua arte. Então é que se tinha escondido na gruta! — pensámos nós, depois de o ter procurado por aquele lado do jardim. Ora, todos nós, eu, a Alice e o próprio Luiz, que era o mais afoito, sentíamos um terror instintivo pela tal gruta. Já as circunvizinhanças não tinham nada de agradável. As árvores entrelaçavam de tal modo a ramaria que, mesmo quando o sol ia a pino, poucas vezes um raiço penetrava, sorrateiro, por entre a folhagem, até ir desenhar uma nódoa amarela na areia do chão, que o jardineiro mantinha, valha a verdade, sempre limpo de fôlhas secas. Até ali, porém, ia qualquer de nós, à tarde que fosse. Mas lá quanto a pôr pés na gruta... quem não teria medo? Ouçam e julguem. O arco da entrada era formado de pedra miúdinha e tôda preta, muito preta!... Passava-se depois para uma casa sombria, tôda forrada, também, de pedra escura, muito escura! Mas o que nos metia mais pavor era uma grande boneca, muito branca, que estava lá no fundo, virada para quem chegava, como a perguntar-lhe:

— «Que vens tu cá fazer?»

A Maria Alice foi lá, um dia, pela manhã, quando o sol, ainda baixo, iluminava o chão da alameda, e julgou ver a boneca de pedra mexer um braço. Eu e o Luiz não acreditámos nisto, mas, verdade, verdade, ficámos gostando ainda menos da gruta. E, depois, havia outra coisa para nos assustar: detrás da boneca, corria um filete de água, que se escoava lentamente, serenamente, deslizando para uma larga bacia que havia junto ao chão. A cada instante, ouviam-se os pingos caírem na água, um a um, escorregando das fôlhas de avenca e dos fetos, que rodeavam a estátua de Flôra. Ora, nós fomos procurar o Luiz naquêlo sitio mais por descargo de consciência do que por ou-

tra coisa. Se eu e a Alice, que eramos duas, para entrarmos na gruta dêmos a mão uma à outra, e nos sentimos numa tremura constante, chegava a parecer impossível que o Luiz se atrevesse a penetrar ali sózinho. Entrámos, contudo, e dêmos com os olhos na estátua branca, horrível!

— «O Luiz não veio para cá (disse a Alice) — Ai! Meu Deus! Não vês a boneca a mexer os olhos?»

Ainda eu não tinha acabado de dizer esta brincadeira, num ímpeto de coragem, de que mais tarde me admi-

rei muitas vezes, quando, detrás da boneca, partiu um grito estridente, e vimos sair uma sombra que, resvalando por cima do mármore da estátua, veio bater no pavimento da gruta. Eu e a Maria Alice, atônitas, desorientadas, tínhamos recuado e, com os olhos escancarados, desmesuradamente, tratávamos de saber quem era o ente misterioso que viera cair aos nossos pés. A estátua não mudara de lugar. Um gemido, seguido de outro e de algumas palavras entrecortadas, revelou-nos o que acabara de suceder. — «Ai... Ai!...

■

P A R A

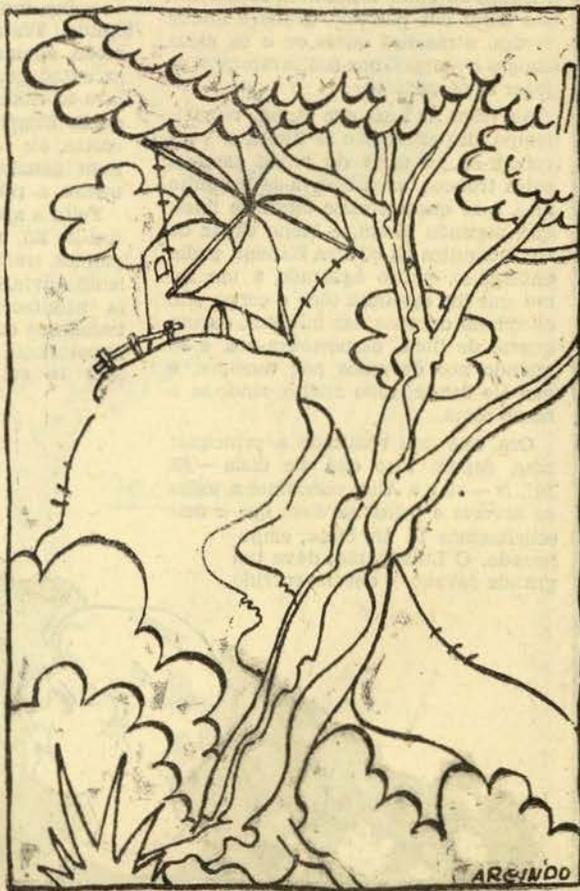
OS

MENINOS

COLORI-

REM

■



Que dór!... A boneca mexeu os olhos?...  
Ai!... Ai!...»

Bem conhecemos a voz do Luiz. O maroto havia-se escondido atrás da estátua, esperando desmorteá-los mas contara demasiadamente com a sua coragem. De mais a mais, metiam-lhe medo, por vezes, em casa, com a boneca branca, da gruta do jardim. Por isso, apenas me ouviu dizer que a boneca mexera os olhos, não teve mais força em si mesmo, esqueceu a aposta e só cuidou em fugir, acoitado pelo medo. Não calculando bem a descida, escorregou por cima da estátua e bateu com as costas na pedra. Ajudámo-lo a levantar-se e trouxémo-lo para o jardim.

— «Vai-se chamar alguém...», lembrou a Alice.

— «Não, não! (pediu o Luiz, muito aflito). Se o papá souber que eu caí, dá-me uma surra!... Eu já estou melhor...»

Ao proferir estas palavras, fez uma careta, levou as mãos às ancas e torceu-se com a dor.

— «Chama-se alguém!», repeti eu.

— «Não! (atalhou, novamente, o



Luiz. Olhem... Basta que me esfreguem com força a parte com que bati no chão.»

Dali a pouco, já se não queixava, e entrámos em casa, fazendo juramento solene de nada revelarmos do acontecido.

Como o Luiz teve artes de conseguir que a mãe não visse a nódoa negra, que lhe ficou nas costas, depois da queda, nunca eu pude saber.

— «Bem fez ele!», diz um leitor pequenino, que daqui entrevejo.

— «Fez muito mal!», respondo eu já, porque sei o que depois lhe aconteceu.

Dali a tempos, o Luiz começou a queixar-se de dores na espinha e nos rins. Não podia estar sentado, nem deitado de costas. A pouco e pouco, foi-se tornando corcovado.

Os pais, coitados, afligiram-se; chamaram muitos doutores, mas nenhum destes deu remédio à doença, como aqueles médicos que tratavam as princesas dos contos das fadas. Só um descobriu a origem do mal. Afirmou que o pequenito tinha dado, por força, uma

(Continua na pág. 7)

# Lê, minha menina...



Por GRACIETTE BRANCO

Queridas amiguinhas.

Venho dar-vos, hoje, uma notícia que, em conformidade com várias sugestões recebidas neste sentido, por certo irá encher de contentamento muitas das minhas pequeninas leitoras, principalmente aquelas que pela Poesia e pelos nossos poetas sintam verdadeiro culto. Saber ler ou saber dizer um trecho de boa prosa ou de boa Poesia, é das mais apreciáveis prendas que pode ter uma rapariga moderna e inteligente. No próximo outono, de regresso das praias, a vossa amiguinha Graciette tenciona abrir um «Curso de Arte de dizer», de ensino particular, no qual poderão inscrever-se todas as suas amiguinhas de Lisboa e arredores que sintam predisposição para declamadoras.

Todas as pequeninas discípulas que tenham bom aproveitamento durante o Curso, terão ocasião de patentear publicamente esse aproveitamento, através dos postos emissores da Rádio-Telefonia. As amiguinhas que queiram participar destas lições, poderão desde já inscrever-se, enviando o nome e a respectiva morada à vossa amiguinha

GRACIETTE

Rua do Século, 58 — Lisboa

## CORRESPONDENCIA

Minha querida amiguinha Graciette

Sou ainda muito pequenina, o que me impossibilita de lhe escrever pelo meu próprio punho, vendo-me, por tal, obrigada a pedir a meu irmão que o faça. Ando já na escola, na classe infantil, mas a minha caligrafia deixa muito a desejar. Contudo, esteja descansada, porque quando me achar a saber escrever melhor, escrevo-lhe uma carinhosa grande. Vivo só com o meu mano Diogo, único membro de família que me resta, pois a minha mãezinha já morreu há quatro anos e o meu paizinho, sendo muito amigo d'Ela não lhe resistiu e, passado que era um ano, seguia-lhe o caminho. Eu, se hoje estou novita, nessa altura era-o muito mais... Ah! mas como me lembram bem as últimas recomendações de meu pai: — Olha, minha filha, o paizinho vai fazer em breve uma grande viagem, visitar a mãezinha que está no Céu... Porta-te sempre com muito juízo, minha filha, e segue os conselhos das pessoas mais velhas.

Uma criada idosa tomou, depois, conta de mim, enquanto o mano estudava num colégio. Todas as noites, eu, de joelhos na cama, mãos postas em frente dum crucifixo, rezava pela alma da mãezinha e do paizinho. Depois, mais tarde, compreendi que não haviam ido fazer viagem, como a princípio me contaram. Os meus queridos paizinhos tinham morrido. Ensinarão-me, então, a amar o meu irmão, a seguir-lhe os exemplos, mas para tal teria sido escusada a recomendação. Nós amamo-nos mutuamente. De quando em vez, faço ainda uma traquinice, mas ele perdôa, atendendo, segundo o diz, à minha pouca idade.

Creia numa coisa que não é gabarolice; ele nunca teve que me bater e, no entanto, eu, a-pesar de humilde, iguálo-me em educação às companheiras do meu colégio.

Mas é tão triste ser órfã, minha boa amiguinha...!

Pela noite, depois da ceia, saio com meu irmão a passear ao Parque. As lágrimas veem-me aos olhos, ao ver todas as outras meninas pela mão de suas mães. E eu fico triste, muito triste, e só me dá vontade de chorar... A meu irmão nada quero dizer, para o não apouquentar, de maneira que, como único recurso, vejo-me obrigada a desabafar comigo própria.

Do coração lhe agradeço todos os conselhos que me der, por intermédio do nosso querido «Pim-Pam-Pum».

Sinto-me tão só no mundo, minha querida amiguinha!...

Creia-me sua muito amiga. Lita

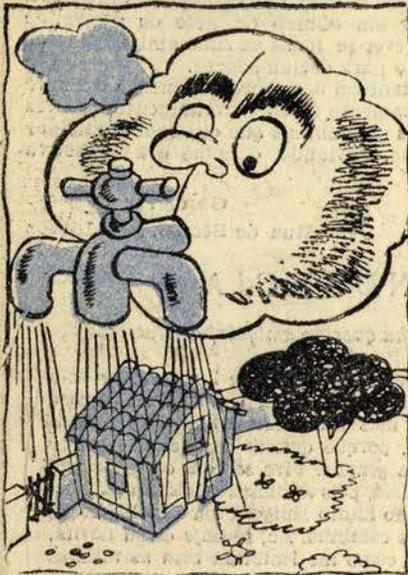
O meu nome é Maria Alice, mas gosto mais que me tratem por Lita...

(7 anos de idade)

# A GALINHA E A NUVEM

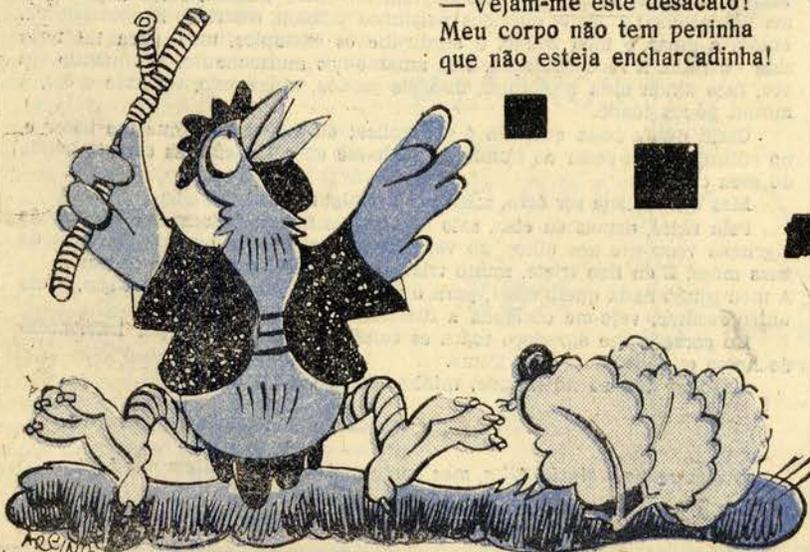
Por LAURA CHAVES

**U**MA nuvem muito escura, de muito má catadura, pairou por cima da quinta. Depois, abriu as torneiras, caiu a água em fileiras e a desgraçada da pinta que de água só conhecia apenas a que bebia, a fugir, cararejou:—



Cócareca! Cócareca!  
Mas que desgraça! Que seca!  
Foi o céu que rebentou!—

E olhando a tal nuvem escura deu-lhe uma descompostura.



— Vejam-me este desacato!  
Meu corpo não tem peninha  
que não esteja encharcadinha!

# tres velhas baladas

Por MARIA BRANCO  
A ESPIGA E O TONEL

## A ESPIGA

O sol ardente caía rubro sobre os loiros triguais.

Ao peso dos grãos, as fartas espigas inclinavam-se ternamente para a Terra-Mãe... Chegara a hora, incerta e misteriosa, das despedidas...

O futuro!... Que seria a nova-vida dessa grande seara? Qual o fim dos milhões de grãos?

Sòmente uma louca espiga, incons-



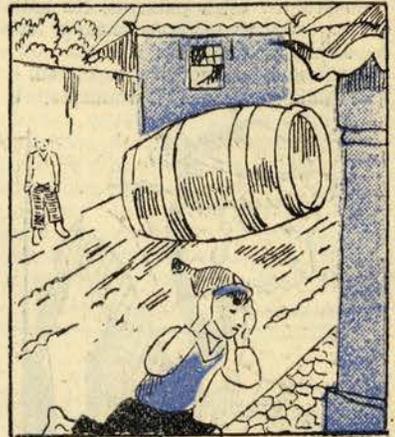
ciente e frívola, erguia alto a cabeça leve...  
Porquê?

Estava óca.

Estéril, para nada servia e para ninguém seria útil...

## O TONEL

O tonel desce a calçada... Que barulho, santo Deus!



¿Levará ouro, prata, ferro?  
¿Transportará pedras preciosas ou riquezas?

E' por ir vazio que êle faz tanta bulha.

Na vida são assim, muitas vezes, os pobres vaidosos e ignorantes!

E eu que não tenho outro fato!  
Já viram uma coisa assim?  
Ó nuvem, tu és ruim!  
Anda cá abaixo, covarde!  
Já nem uma pinta honrada  
pode viver descansada!—

É sempre no mesmo alarde:

— Ai, se eu pudesse ensinar-te,  
com o meu bico bicar-te,  
dar-te tremenda lição,  
verias, nuvem, depois,  
como te fazia em dois  
reduzindo-te a cotão!—

Vai, juntou o dito ao feito,  
e deu bicadas a oito,  
sempre em cólera fremente,  
num pobre dum caracol  
que, de pauzinhos ao sol,

O CÃO DO POBREZINHO

Cruzaram-se na estrada dois men- digos.

Vêlhinhos e andrajosos, sentaram- se junto duma sebe, lamentando-se...

Maldiziam a triste sorte de vaguear terra em terra, porta em porta, nêsse destino amargo de tudo pedir.

Alguém, que os escutava, notou que



um dêles, olhos claros de sonhador, afagava um pobre cão lazarento.

Não resistiu o campónio à tenta- ção de perguntar-lhe:

—«Para que queres tu êsse rafeiro? Vende-mo. E' menos uma bôca a sus- tentar.

Poderás, depois, pedir só para ti.» O pobrezinho, fitou, longamente, o aldeão.

—«Que me importa comer menos, ter de repartir com êle a metade do meu pão?! Se o não tivesse, diga-me, quem me teria amor?»

MEUS PEQUENINOS

Quantas vezes, por certo brinquedo que se não comprou, por uma tarde de chuva que proibiu o passeio, por qualquer forçada obediência, os meus amiguinhos não amüaram longamen- te, prendendo o burro ao canto das casas, causando pena aos Pais, Mes- tres e amigos??

inofensivo, inocente, uma folhinha rofa, cheio de filosofia, emquanto a nuvem culpada se afastava lá no céu onde desapareceu, já se vê, sem sofrer nada.

O pobre do caracol, o bicho passivo e mole, levou bicadas das bravas, ia ficando sem vida, com a casquinha partida, pois foi quem pagou as favas.

Há tanta gente, Senhor! que assim, também, sem razão, descarrega o seu mau-humor em quem lhe está mais à mão!

Ides, agora, ouvir esta linda ba- lada, que Minha Mãe, quando criança, gostava de contar, debaixo dos frondo- sos arvoredos do convento:

O CÉGUINHO

Dizem-me que o Sol é esplêndido e que as mimosas flores, junto ao ribeiro, são belas, que os pássaros e os insectos brilham, voando pelos espa- ços livres...

Que à noite, os céus mostram mis- teriosos fogos, que docemente se cha- mam estrélas.

Que as ondas do mar, triste como soluços, baloicam, graciosamente, airosos barcos de velas brancas...

Afirmaram-me que o perfume das ro- sas é menos suave que a côr das suas pétalas.

Que os vales, outeiros, montanhas, e as virginais auroras, era tudo tam maravilhoso que só os devíamos saüdar ajoelhados...

Não lamento desconhecer o mar, as lindas flores, o Sol dourado, os frutos vermelhos... a luz! Uma coisa apenas desejava ver: — a minha Mãe!

Diga-me agora: — Tendes direito de chorar?

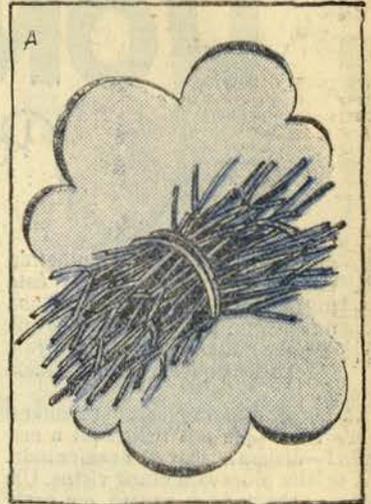


C O S T U M E S P O R T U G U E S E S

Por absoluta falta de espaço não publicamos hoje esta interessante secção, pelo que pedfmos desculpa aos pequeninos leitores do «Pim-Pam-Pum».

OS NOSSOS CONCURSOS

ENCONTRAI RIMAS E FIXAI CONCEITOS



Que todos, filhos e filhas, Ao perder pais adoráveis, Façam caladas part..... Quinhões iguais, amig.....!

Meninos, lusa esperança, Eis um conceito profundo: Tende sempre na lembr.... As ordens dum morib ....!

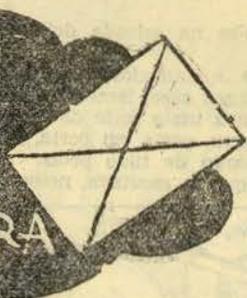


Vós, que sois uns bons meni- nos, Escutai êstes conselhos: Que tenham os pequen.... Respeito aos irmãos mais v.....!

E, se tendes mais idade E fôrça no coração, Aos mais novos, com bond.... Dai conselho e protecç..!

# HONRADEZ

Por MANUEL FERREIRA



A doença prolongada da mulher do cobrador, havia lançado este numa situação financeira vizinha da miséria. Todos os escudos que o pobre Leonel apurava, eram lançados naquela voragem insatisfeita.

No hospital não quiseram receber a pobre Ana. Que era incurável a moléstia! — diziam ao marido desalentado.

A infeliz piorava a olhos vistos. Um médico, chamado à pressa, em certa tarde tristonha de inverno, declarou que só seguindo um determinado tratamento se poderia salvar. Mas — foi dizendo — importava em perto de cinco contos de réis.

Mais desânimo se apoderou de Leonel. Contudo...

Dai a dias, o homem foi receber uma factura a casa de um comerciante riquíssimo. Era de quarenta e cinco mil escudos a sua importância.

O cobrador contou a quantia e viu, junto, um sobrescrito que julgou contivesse uma carta. Mas, ou fôsse por a escada ser um pouco escura ou por qualquer outro motivo, o que é certo é que o cobrador, quando chegou a casa e acertou as contas, reparou em que o sobrescrito tinha o seu nome por fóra. Abriu-o e viu que lá dentro vinham cinco notas de mil escudos.

Cinco contos! A importância de que sua mulher necessitava para curar a

doença. Cinco mil escudos... Mas seria milagre de Deus!...

Imediatamente, Leonel se lembrou de que sempre fôra sério nas suas contas e bateu à porta do comerciante. Este, que apareceu pouco depois, parecia já esperar o rasgo de honestidade do cobrador. Mandou-o entrar para a sala e disse-lhe:

— «Meu caro Leonel, escrevi o seu nome no sobrescrito mas não foi por engano. Fi-lo propositadamente.

— «Porquê?» — perguntou o cobrador, estupefacto.

— «Talvez você se lembre de que

há coisa de vinte anos, estava o senhor a despedir-se duma pessoa que ia para a África... No paquete, entre outros passageiros, partia um homem alto, robusto, que era eu. Acompanhava-o uma senhora e um filhinho de seis anos que, em dada altura, caiu à água. Lembra-se?»

— «Perfeitamente, senhor Garcia. Eu atirei-me à água e salvei-o, com certo custo.»

— «Isso mesmo. Não mais soube o que fôra feito de si porque desapareceu depois do seu gesto. Soube, apenas, que se chamava Leonel Nunes Alberto. Não mais esqueci este nome. Por casualidade, ao voltar de África, há poucos dias, disse-me o seu patrão, que é meu amigo, que o senhor estava ao seu serviço.

Hoje, o pequeno que o senhor salvou, é o médico que, ainda há dias, observou sua mulher. Foi ele quem me disse que eram precisos cinco contos para que a doente se salve.»

E, a despedir o bom Leonel, o senhor Garcia disse-lhe:

— «Como prémio da sua honradez, ao senhor Leonel e a sua mulher nada faltará. Tomá-los-ei ao meu cuidado. Esta é a minha dívida que nunca ficará saldada.»



F I M

## A DIVINHA

## A NEDOTAS



Meus meninos: Querem saber com quem esgrima este espadachim?... Unam os números por meio de um traço e conseguirão, dessa forma, decifrar o mistério.

Depois de um choque de combóios:

— «Oh, senhor já estou farto de ouvir os seus queixumes, só porque partiu um braço.»

— «Se lhe parece...!»

— «Não me parece nada, desde que há tantos mortos e nenhum se queixa como o senhor.»

— «Comprei-lhe este par de botas ainda não há quinze dias e ele já reventou. Todavia, o senhor vendeu-mo, dizendo que era um artigo de reclame.»

— «Pois então? E o senhor não está reclamando?»

Dois amigos discutiam, acaloradamente, os méritos de um livro que a ambos impressionára. Por fim, um deles exclama:

— «Não, tu não podes julgar o mérito dum livro, porque nunca escreveste nenhum.»

Então, o outro replicou:

— «Também tu entendes de omeletas mais do que qualquer galinha e, no entanto, nunca puseste ovos.»

# CURIOSIDADES

Atualmente os chineses emancipam-se dos seus velhos e tradicionais costumes e, pelo menos nas grandes cidades, pode dizer-se que os pais renunciaram ao bárbaro tratamento a que sujeitavam suas filhas para que seus pés não crescessem.

Sobre a origem deste costume, conta-se a seguinte lenda.

Há muitos centos de anos, um jovem rei viu na areia de uma praia as mar-



cas de uns pequeninos pés femininos. Teve o rei, logo, o desejo de conhecer a dona de tão diminutos pézinhos e esta ideia tornou-se de tal maneira obscante que em breve percebeu estar apaixonado pela misteriosa desconhecida da praia. Organizou buscas por todo o país e fez saber que casaria com a jovem cujos pés tivessem as dimensões das pégadas por ele observadas.

Depois de infrutíferas procuras, conseguiu, por fim, com o auxílio de um poderoso mágico, encontrar a dama dos seus sonhos e casou com ela.

Todas as raparigas do império chinês, ao saberem do facto, se morderam de inveja e murmuraram: — Porque não teremos também nós a mesma sorte?! E trataram de, por meio de um torturante sistema, obrigar os pés a

## Outro conto da avózinha

(Continuação da pag. 2)

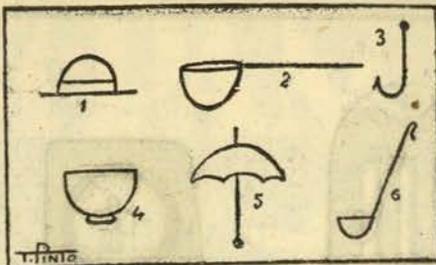
queda. O Luiz, posto a perguntas, confessou tudo, dizendo, porém, que estava sózinho ao cair, para não nos comprometer, a mim e à Maria Alice.

Era tarde, porque a doença já não tinha cura e foi sempre a mais...

O Luiz não morreu... mas antes lhe tivesse acontecido isso.

Mais tarde, homem já feito, andava corcovado e amparado, era a uma pessoa amiga, ora a uma bengala.

Se tivéssemos contado logo a história da queda, o médico tinha-o posto bom em pouco tempo. Como guardámos segredo, o Luiz ficou aleijado.»



DESENHOS INCOMPLETOS  
Solução do problema anterior

## CONSTRUÇÃO PARA ARMAR INSTRUÇÕES:

Amiguinhos:

Ides, hoje, construir um avião voador, isto é: — um avião que, uma vez messado ao ar, irá planando até tocar o chão, suavemente... se fôr bem armado, é claro.

Esta construção deve ser colada em cartolina e armada da seguinte forma: depois de tudo recortado, incluívê o avião, que se vê na página central, deve principiar-se por armar o «corpo» do aparelho, dobrando-o pela linha ponteadada e colar os lemes, D D, um no outro. Em seguida, enfiar-se as asas, depois de dobradas as patilhas, como se vê no esquema 1, nas aberturas BBBB.

Prendam, depois, um pequeno chumbo, (que poderá ser o que se usa nas garrafas de água), no sítio marcado pelas letras A A.

Por último, cola-se o avião na parte da frente do avião, seguindo as indicações do esquema n.º 2.

E pronto! Está concluída a construção do aparelho com que ides fazer, certamente, lindos passeios... em pensamento, está visto.

ficarem miudinhos, não obstante o seu crescimento.

Mais tarde, quando já mamãs, infligiram o mesmo tratamento a suas filhas, e o costume transmitiu-se de geração em geração.

A minha avózinha acabou de me contar esta história e eu, daí por diante, ao mais insignificante «ache», desatava logo a correr, em busca de alguém e pedia, em altos gritos, «o sr. doutor».

Aposto que os meus pequeninos leitores vão fazer o mesmo?

Que não o façam e guardem segredo, como as duas heroínas da nossa história uma das quais, felizmente, ainda é viva, e sabe Deus se um dia andarão por aí muito alcachinados e agarrados a uma bengala, como o Luiz que, não tendo ainda muita idade, parecia mais velho do que era a avó no tempo em que dava puxões de orelhas ao traquinas do neto.

F I M

## CHICO PROFESSOR DE DESENHO



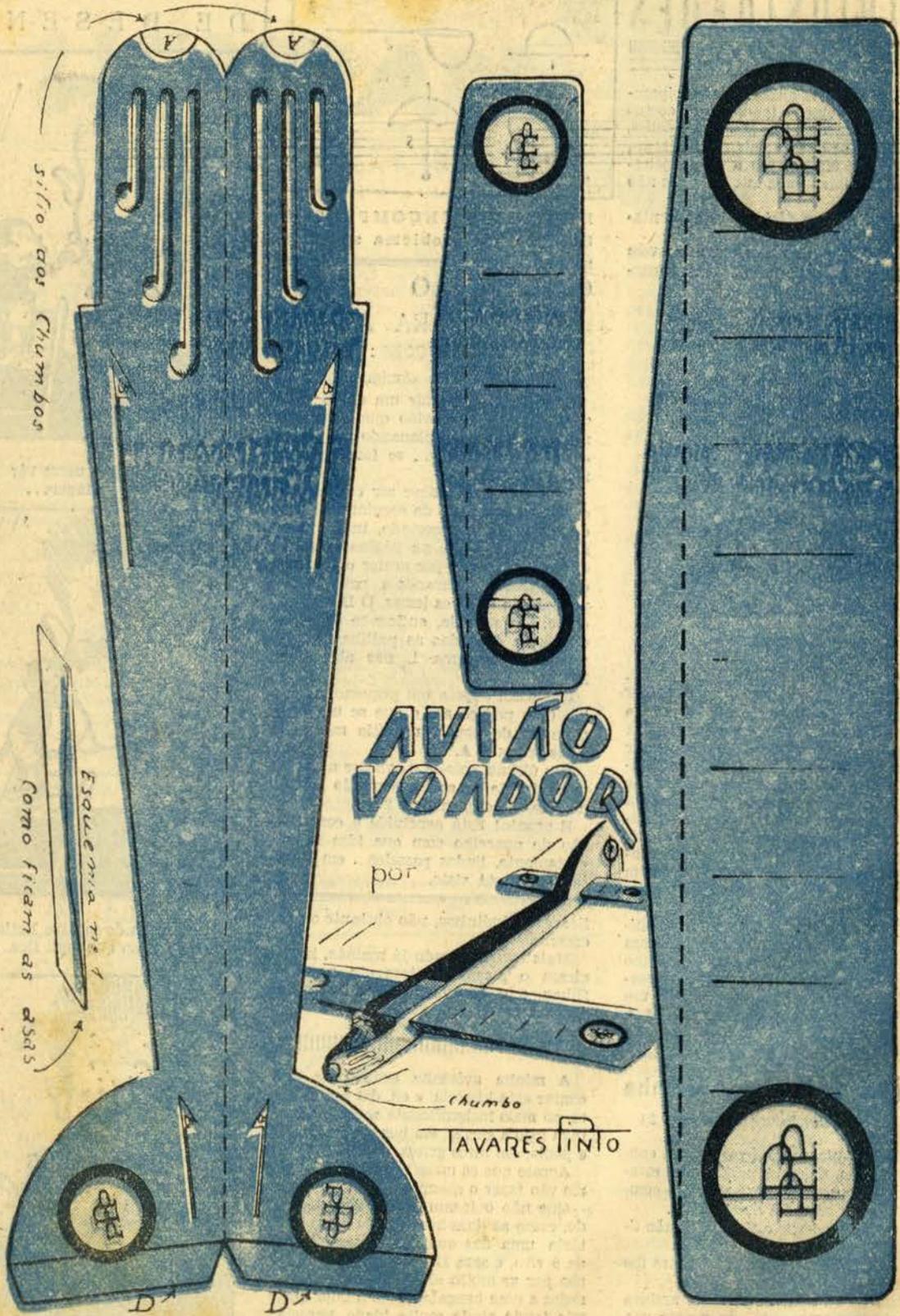
Leitor amigo, queres vêr a forma de se fazer...



... a cara de mestre Estica? Repara no que aqui fica...



... Faze o que eu fizer, então, e... pronto! É finda a lição.



■ ■ CONSTRUÇÃO PARA ARMAR ■ ■